

INFÂNCIA E PANDEMIA

CHILDHOOD AND PANDEMIC

José Newton Garcia de ARAÚJO¹

Recebido em: 17/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

A emergência do coronavírus levou ao confinamento domiciliar, num contexto generalizado de mal-estar que atinge, de forma particular, as crianças. Mas isso ocorre nas fronteiras da desigualdade. Se uma criança das classes média e alta continua a frequentar a escola no regime *home office*, isso não é possível para muitas famílias das classes desfavorecidas. As precárias condições de vida para enfrentar os problemas relativos à educação e à saúde afetam também milhares de crianças das comunidades indígenas e quilombolas. O texto discute como a COVID-19 recai sobre a população infantil num momento político de fragilidade democrática.

Palavras-chave: COVID-19. Infância. Desigualdade social. Educação. Saúde.

ABSTRACT

The emergence of the coronavirus led to home confinement, in a general context of discontent that particularly affects children. But this occurs at the borders of inequality. If a child from the middle and upper classes continues to attend school on a home office modality, this is not possible for many families from the disadvantaged classes. The precarious living conditions to face the problems related to education and health also affect thousands of children from indigenous and quilombola communities. The paper discusses how COVID-19 affects on the child population in a political moment of democratic fragility.

Keywords: COVID-19. Childhood. Social inequality. Education. Health.

1 UM DRAMA RELATIVAMENTE CONFORTÁVEL

Com um semblante que misturava desconforto e uma pitada de humor, um pai brinca que a COVID-19 o obrigou ao confinamento com os filhos, sem lhe fornecer os manuais de história, matemática e biologia. Esse e outros “memes” do gênero remetem às inúmeras notícias na mídia, em textos científicos ou institucionais, relativos ao mal-estar dos pais que, além de

¹ Psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Paris-Diderot. Professor da PUC Minas.

executar em *home office* seus deveres profissionais, devem também ajudar os filhos nos deveres escolares.

Trabalhando fora de casa, em uma empresa ou em qualquer outra atividade que lhe garanta a sobrevivência ou realização pessoal, e tendo a escola como uma clássica instituição educadora, os pais delegavam a ela não só a educação formal, mas ainda, por vezes, lhes terceirizavam a formação afetiva e cidadã dos próprios filhos. De repente, se veem despreparados para ocupar a nova função de tutores do aprendizado escolar, o que os levou, paradoxalmente, a redescobrir e a valorizar a figura do professor, tão vilipendiada por muitos deles nos dias atuais.

Esse novo modo de vida imposto pelo confinamento tem gerado, da parte de estudiosos da pedagogia, da psicologia, da psiquiatria, do entretenimento, etc., muitas contribuições pontuais, no sentido de assessorar os pais, nesse momento de desafios inesperados: como manter as crianças ocupadas em casa, como tutorar seus deveres acadêmicos que exigem habilidades e conhecimentos disciplinares específicos? Como inventar atividades livres, visando à interação social, ao lazer, com leituras, jogos, tarefas manuais, culinária, musicais, atividades corporais, mesmo dentro de casa, quando não se tem um espaço ao ar livre?

Esse novo cotidiano, dizem os especialistas, pode levar ao estresse ou a comprometimentos psicossociais, tanto aos pais quanto às crianças e adolescentes. Sônia das Dores Rodrigues, psicopedagoga e psicomotricista, vice-presidente da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins (ABENEPI), discute, por exemplo, questões relativas ao “como manter a saúde mental das crianças e suas famílias na quarentena”². Ela comenta que as rotinas antes previsíveis, de súbito abaladas, com o fechamento de empresas, comércio, clubes e escolas, afetam a vida familiar, em especial as crianças e adolescentes.

Do mesmo modo, uma nota de alerta da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)³ também propõe um suporte às famílias, no sentido de prevenir os danos à saúde e ao desenvolvimento das crianças, dada a medida extrema de fechar-se em casa, o que modifica totalmente o funcionamento familiar. Esse texto menciona mesmo a figura das avós que, se antes substituíam os pais, no cuidado dos filhos, agora são listadas no “grupo de risco” que, curiosamente, devem afastar-se das crianças, pela ameaça de serem contaminadas por elas.

Lembremos aqui, de passagem, as babás ou empregadas domésticas que, também por razões sanitárias, foram dispensadas, algumas temporariamente, conservando o salário, enquanto muitas outras, até sem carteira de trabalho, foram simplesmente jogadas no desemprego. Façamos parênteses aqui para comentar que, no dia 06 de maio, conforme comenta o colunista Leonardo Sakamoto⁴, os noticiários nos mostravam que, estranhamente, o prefeito de Belém do Pará colocou a atividade da empregada doméstica entre os ofícios essenciais, durante esta pandemia, podendo elas ser convocadas pelos patrões e patroas para trabalhar, em pleno pico da doença. Fechar parênteses.

O documento da SBP, acima citado, evoca a noção de estresse tóxico, que pode ocorrer nessa época da pandemia e de suas adversidades. Com efeito, neste momento, ocorrem respostas fisiológicas que elevam os hormônios do estresse na infância, como o cortisol e a adrenalina. Estes hormônios levam à sobrecarga do sistema cardiovascular, com riscos para a construção saudável da arquitetura cerebral das crianças. Suas consequências podem sobrevir em curto prazo, com transtornos do sono, irritabilidade, piora da imunidade, medos; ou a médio e longo

² <https://www.abenepi.org.br/2020/03/como-manter-a-saude-mental-das-criancas-e-suas-familias-na-quarentena/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

³ https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22420c-NAleria_Pais_e_Filhos_em_confinamento_COVID-19.pdf. Acesso em: 27 abr. 2020.

⁴ <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/06/coronavirus-brasil-mostra-que-e-projetado-para-matar-pobre-em-pandemia.htm>. Acesso em: 06 mai. 2020.

prazo, como atrasos no desenvolvimento, transtornos de ansiedade, depressão, queda no rendimento escolar e estilo de vida transtornado, na vida adulta.

Outros estudiosos, no entanto, comentam que não bastam os receituários de práticas saudáveis, que promovam a descontração, incluindo-se aí as atividades criativas, jogos e recursos lúdicos da internet. O psicopedagogo italiano Francesco Tonucci⁵ considera que, nesse contexto de quarentena, a preocupação em dar continuidade à escola, em modo virtual, negligencia a própria criança, sua autonomia e seus interesses principais. Ele diz que não se deve perder um tempo precioso com deveres de casa, pois se as crianças sentem muito a falta da escola, o que lhes falta não é tanto os professores, mas as outras crianças, com as quais elas podiam se encontrar. Tonucci relembra aqui o moderno conflito, acima evocado, entre escola e família, esta sempre pronta a denunciar o colégio ou o professor.

2 UM DRAMA DE MODO ALGUM CONFORTÁVEL

Até aqui, falamos de um contexto familiar típico das classes médias ou médias altas que têm recursos suficientes para o bem-estar de pais e filhos, dada a sua situação socioeconômica, assegurando a continuidade escolar das crianças e adolescentes em casa, apesar dos transtornos acima evocados. Nesse caso, falamos principalmente das escolas – com vantagem das instituições privadas sobre as públicas – que contam com pessoal e com recursos tecnológicos avançados para garantir o funcionamento escolar à distância e, enquanto possível, um saudável convívio social em família. No entanto, estamos em uma sociedade de classes, na qual milhares de crianças e adolescentes, assim como seus pais, não têm acesso aos privilégios acima mencionados.

No site “Rede Peteca – Chega de trabalho infantil”⁶, o jornalista Guilherme Dias Soares afirma que a atual pandemia expõe a ineficácia das políticas públicas dirigidas às camadas da população mais vulneráveis do país, o que se agravou desde o orçamento de 2016. Aqui se aponta, especialmente, o desamparo das crianças e adolescentes, que pode se acentuar mais ainda, num cenário de situações-limite como este da COVID-19. Com efeito, muitas famílias carecem de condições para adotar o isolamento recomendado pelas autoridades sanitárias. E muito menos para dar continuidade às atividades escolares: “quem pode fazer *home office* é a classe média e alta”. Às vezes, pais e filhos se amontoam em um único cômodo, onde fica o quarto, a sala, a cozinha e o espaço para os animais domésticos. Mas como guardar saudavelmente as crianças em tais condições (nas favelas ou comunidades, há inclusive uma pressão dos chefes do tráfico para que se observe o isolamento), se elas não podem sair para brincar? Nesse caso, o nível de estresse de toda a família pode explodir, levando ao risco de violência física, psicológica e mesmo sexual contra as crianças.

Além disso, muitos pais, condenados a trabalhos precarizados ou já desempregados, carecem de recursos para manter a família. Digamos, de passagem, que os atuais programas emergenciais de distribuição provisória de renda não resolvem a carência estrutural das classes pobres ou miseráveis.

O autor mostra, valendo-se do depoimento de vários estudiosos do assunto, que a requerida quarentena desnuda nossas desigualdades sociais. Por exemplo, por não poderem ir à escola, muitas crianças e adolescentes não terão o que comer, pois sua principal refeição é a merenda escolar. Assim, o combate à COVID-19 não pode ser pensado somente a partir dela mesma,

⁵ <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-12/francesco-tonucci-nao-percamos-esse-tempo-precioso-dando-deveres.html/>. Acesso em: 04 mai. 2020.

⁶ <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/especiais/trabalho-infantil-sp/reportagens/como-a-quarentena-do-coronavirus-afeta-os-direitos-das-criancas-e-adolescentes/> Acesso em: 06 mai. 2020.

mas das nossas condições de desigualdade social. Em outras palavras, “o coronavírus não é democrático”, quanto à prevenção, ao atendimento e ao cuidado das pessoas.

Outros estudiosos entrevistados pelo autor entendem que, ao contrário do confinamento, a miserabilidade pode aumentar o trabalho infantil, em meio à crise da pandemia, pois os pais utilizam os filhos para completar a escassa renda familiar, vendendo balas no semáforo, esmolando nos terminais de feiras ou servindo ao tráfico. O trabalho infantil pode até ser doméstico, no caso das mães que ainda têm trabalho, pois elas precisam sair e deixar o irmão mais velho cuidando dos mais novos. Enfim, além dos problemas socioeconômicos, o ambiente doméstico, para as famílias mais carentes, é também um espaço para a irrupção do sofrimento ou do adoecimento mental.

3 OUTRAS COMUNIDADES INFANTIS AMEAÇADAS

Além das crianças vulneráveis acima citadas, lembremos ainda, mesmo sem esgotar os diversos grupos humanos (por exemplo, crianças refugiadas e migrantes) que compõem nossa geografia econômica e social, as crianças indígenas e quilombolas. Lembramos que alguns dados expostos neste texto vão perder sua atualidade, pois nos referimos as estatísticas que se atropelam, no caso de pessoas contaminadas ou mortas, neste atual quadro de pandemia.

Tomemos, inicialmente, o caso dos índios. Andrey Moreira Cardoso,⁷ médico e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Grupo de Trabalho em Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), estuda as populações indígenas, há cerca de 20 anos. Ele considera que, se o coronavírus atingir essas comunidades, sua incidência será ali explosiva, uma vez que nelas estão grupos extremamente vulneráveis à pandemia. Suas condições sociais e econômicas precárias incluem falta de saneamento básico e o padrão de moradia, em grandes casas com muitas pessoas. E sua saúde é, geralmente, mais frágil que a dos não índios. Para Cardoso, as infecções respiratórias dessas populações se propagam muito rapidamente. O risco da contaminação é tanto maior quanto maior for sua proximidade com os centros urbanos, onde ocorre a transmissão comunitária da doença.

Note-se que os territórios indígenas são constantemente invadidos por grileiros, madeireiros ilegais e garimpeiros. Atualmente, haveria, por exemplo, cerca de 20 mil garimpeiros na Terra Indígena Yanomami (AM-RR). Acrescente-se a relação conflituosa dos atuais governantes com os povos indígenas, concomitante às invasões de suas terras e aos diversos assassinatos de suas lideranças. Uma reportagem do site BBC News Brasil, de 29/01/2020,⁸ relata um encontro de 45 etnias, convocado pelo cacique kayapó Raoni Metuktire, na Terra Indígena Capoto Jarina, no estado de Mato Grosso. Um manifesto gerado nesse encontro afirma que “está em curso um projeto político do governo brasileiro de genocídio, etnocídio e ecocídio”.

Assim, é cada vez menor o controle da circulação de invasores infectados pelo coronavírus nessas comunidades, o que pode provocar nelas uma rápida disseminação da doença. Uma reportagem do Jornal de Brasília, de 17/04/2020⁹ informava a ocorrência confirmada de 23 casos do vírus entre indígenas, na região Norte do país, com três óbitos, entre os quais uma vítima de apenas 15 anos de idade.

⁷ <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/se-coronavirus-entrar-nas-aldeias-e-possivel-que-aumento-de-casos-seja-explosivo-alerta-especialista/>. Acesso em: 04 mai. 2020.

⁸ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

⁹ <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/casos-confirmados-de-coronavirus-entre-indigenas-chegam-a-23/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

Descrevo este cenário para chegar ao tema que nos interessa. Entre os índios, segundo Andrey Moreira Cardoso, as infecções respiratórias são uma das causas que mais adoecem e levam à morte, não só os idosos, mas particularmente as crianças, em especial as menores de cinco anos. A prevalência de anemia e desnutrição entre crianças indígenas é elevada. E sua condição respiratória também fica comprometida, com repetidas infecções, devido à poluição decorrente da queima de biomassa.

Seguindo a hipótese acima de que o coronavírus não deve ser enfrentado apenas do ponto de vista sanitário, mas dos demais fatores socioeconômicos que o circunscrevem, vamos abordar, além do risco aos indígenas e à sua população infantil, as ameaças às comunidades quilombolas de nosso país, também listadas entre os “objetos de ódio” do atual governo.

Tomemos apenas um exemplo, retirado de um documento da ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior¹⁰, no qual se lê que o governo pretende expulsar de suas terras, em plena pandemia da COVID-19, 800 famílias de 30 comunidades quilombolas do município de Alcântara, no Maranhão. Isso é determinado pela resolução 11/2020, que determina que a área ocupada por essas famílias seja utilizada para expandir o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA). Um acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST) entre o Brasil e os EUA já havia cedido aos americanos do Norte a base de lançamento de satélites e foguetes, o que foi objeto de profundos questionamentos, justamente ao expulsar desse território as populações que ali habitam há mais de três séculos. E não se tem notícia de nenhuma ação formalizada para proteger essas famílias da contaminação do vírus. O documento ainda afirma que o governo desconsidera a Convenção 160 da OIT, que prevê uma consulta prévia, livre e informada aos principais interessados.

Enquanto isso, como mostra uma reportagem da Agência Brasil¹¹, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) havia identificado, até o final de abril, seis mortes por COVID-19, em territórios quilombolas. Em síntese, em meio a uma pandemia de proporções alarmantes, estas comunidades ficam à mercê de um governo insensível, que lhes retira suas terras, seu sustento e seus direitos fundamentais. No citado documento da Andes, mesmo não fazendo menção especial à população infantil, ele traz uma foto em que aparecem sete crianças brincando e apenas uma senhora, ao fundo.

Nesse texto, queremos justamente discutir a desigualdade de condições que envolvem as crianças, em diferentes estratos ou classes sociais, no Brasil, cada qual tendo acesso desigual a oportunidades, entre as quais as condições de enfrentar a atual pandemia.

4 A AMEAÇA ÀS CRIANÇAS É GLOBAL

Vou concluir estas considerações, servindo-me de um texto de Henrietta Fore,¹² diretora-executiva do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Ela escreve que a atual crise de saúde pode se tornar uma crise dos direitos da criança. Afirma que crianças, adolescentes e jovens não só contraem a COVID-19, mas estão entre as vítimas mais duramente afetadas por este “inimigo invisível”. Referindo-se à previsão de uma possível recessão global, ela defende a necessidade de investimentos em educação e proteção da criança.

¹⁰ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/governo-quer-expulsar-quilombolas-de-suas-terras-em-meio-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 05 mai. 2020.

¹¹ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/comunidades-quilombolas-tem-seis-mortes-pela-covid-19/>. Acesso em: 05 mai. 2020.

¹² <https://nacoesunidas.org/artigo-nao-permitam-que-criancas-sejam-as-vitimas-ocultas-da-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 02 mai. 2020.

No entanto, continua ela, paralelamente aos danos da epidemia, muitas crianças, adolescentes e jovens e gestantes podem morrer por outras causas, se os sistemas nacionais de saúde ficarem totalmente sobrecarregados. Atualmente, vários programas de nutrição foram interrompidos ou suspensos. Comparando os danos da COVID-19 com paralisações anteriores, ela afirma que especialmente as meninas fora da escola, por longos períodos, dificilmente voltam para a sala de aula. Lembra que o fechamento de escolas, no surto de ebola na África Ocidental, entre 2014 e 2016, levou a picos de trabalho infantil, abuso sexual e gravidez na adolescência. Além disso, quase sempre as crianças enfrentam violências dentro de casa: escolas fechadas significam interrupção de programas de alimentação escolar e um consequente aumento das taxas de desnutrição, com danos ao aprendizado atual e futuro.

Fore observa que o secretário-geral da ONU lançou um plano global de resposta humanitária à COVID-19 e conclama a comunidade mundial para apoiar as crianças mais vulneráveis, arrancadas de suas famílias. Todas elas precisam não só de suprimentos vitais, medicamentos, vacinas e saneamento, mas também de material educativo (acrescentemos que a face política dessa ajuda deve incluir os afetos que integram sua dimensão psicossocial).

No final de seu texto, Fore escreve que, além da preocupação imediata com nossos entes queridos, neste período de confinamento, nos lembremos dos milhões de crianças que podem se tornar vítimas esquecidas desta pandemia. Afinal, somos também responsáveis por seu futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, em recente pronunciamento,¹³ afirmou que a pandemia da COVID-19 não será vencida enquanto não forem resolvidas as desigualdades que a cercam. Isso se torna evidente, segundo o número de internações e mortos, em determinadas populações. Ele dá o exemplo de Nova York, onde a maioria de vítimas é constituída de negros e latinos.

Essa realidade já está se tornando patente também no Brasil. Em sua coluna jornalística, acima citada, de 06/05/2020, Leonardo Sakamoto, escreve que o Brasil tem mostrado por que é um país “projetado para matar pobre em pandemias”. Fica, então, evidente que o coronavírus não atinge a todos de forma igual. “O vírus é democrático, mas o Brasil não”. Coincidentemente, ele lembra que o IBGE divulgou, nesse mesmo dia, os números consolidados das rendas de trabalho, em 2019: a camada 1% mais rica da população recebeu, em média, 33,7 mais (R\$28.659,00) que o contingente 50% mais pobre (R\$850,00). Ele se refere também a dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua: 10% dos que ganham mais detêm 42,9% do montante de rendimentos, ao passo que os 10% mais pobres ganham apenas 0,8% desse montante.

Citar estes dados não é um desvio da questão aqui discutida. A desigualdade que caracteriza nossa sociedade não é apenas um dado estatístico, ela exhibe as míseras condições de vida de milhões de crianças brasileiras. E neste momento da pandemia, fica mais evidente como o Estado brasileiro, em seu destruidor projeto ultraliberal, ostenta com toda indiferença e cinismo, aquela face destrutiva do que o historiador camaronês Achille Mbembe (2016) chamou de necropolítica: “e daí?”, se milhares de homens e mulheres continuarão a morrer? Mas, se a

¹³ <https://noticias.r7.com/internacional/para-vencer-covid-19-e-preciso-combater-desigualdades-diz-oms-06052020>. Acesso em: 06 mai. 2020.

maioria das vítimas é contada entre adultos - e não apenas os mais idosos - é sob sua tutela que as crianças terão, ou não, a possibilidade de construir seu presente e seu amanhã.

Segundo o filósofo e psicanalista Vladimir Safatle (2020), o Brasil não se enquadra apenas na figura do necroestado nacional. Além do Estado gestor da morte, ele pode ser considerado também um Estado suicidário. Em seu atual estágio que une a gestão neoliberal às condutas terminais do projeto hitlerista, o atual governo engendra sua própria catástrofe, “ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição” (2020, p. 228). O autor cita Freud, para quem “mesmo a autodestruição da pessoa não pode ser feita sem satisfação libidinal” (idem).

Neste sentido, podemos considerar que o desamparo (presente e futuro) de nossas crianças, sem uma política universal de educação, de acesso à saúde e aos direitos básicos, é a melhor imagem projetada de nosso autoextermínio, enquanto sociedade e enquanto nação.

REFERÊNCIAS

- Governo quer expulsar quilombolas de suas terras em meio a pandemia de Covid-19. **ANDES**, 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/governo-quer-expulsar-quilombolas-de-suas-terras-em-meio-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- BOND, L. Comunidades quilombolas tem seis mortes pela covid-19. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/comunidades-quilombolas-tem-seis-mortes-pela-covid-19/>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- FELLET, J. Os 5 principais pontos de conflito entre governo Bolsonaro e indígenas. **BBC**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884/>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- FORE, H. Não permitam que as crianças sejam as vítimas ocultas da pandemia da COVID-19. **Nações Unidas Brasil**, 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-nao-permitam-que-criancas-sejam-as-vitimas-ocultas-da-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- ‘Se o coronavírus entrar nas aldeias é possível que o aumento de casos seja explosivo’, alerta especialista. **Instituto SocioAmbiental**, 2020. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/se-coronavirus-entrar-nas-aldeias-e-possivel-que-aumento-de-casos-seja-explosivo-alerta-especialista/>. Acesso em: 04 mai. 2020.
- MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, dezembro, p. 123-151, 2016.
- PANTALEONI, A; BATTISTA, G. Francesco Tonucci: Não percamos esse tempo precioso com lição de casa. **EL PAÍS**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-12/francesco-tonucci-nao-percamos-esse-tempo-precioso-dando-deveres.html/>. Acesso em: 04 mai. 2020.
- R7. Para vencer covid-19 é preciso combater desigualdades, diz OMS. **R7**, 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/para-vencer-covid-19-e-preciso-combater-desigualdades-diz-oms-06052020>. Acesso em: 06 mai. 2020.
- RODRIGUES, S. D. Como manter a saúde mental das crianças e suas famílias na quarentena. **ABENEPI**, 2020. Disponível em: <https://www.abenepi.org.br/2020/03/como-manter-a-saude-mental-das-criancas-e-suas-familias-na-quarentena/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SAFATLE, V. Bem-vindo ao Estado suicidário. In: Tostes, A; Melo Filho, H. (Orgs.). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. Bauru: Canal 6 (formato e-book), 2020.

SAKAMOTO, L. Coronavírus: Brasil mostra que é projetado para matar pobre em pandemia. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/06/coronavirus-brasil-mostra-que-e-projetado-para-matar-pobre-em-pandemia.htm>. Acesso em: 06 mai. 2020.

Nota de Alerta – Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de COVID-19. **SBP**, 2020. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22420c-NAlerta_Pais_e_Filhos_em_confinamento_COVID-19.pdf/. Acesso em: 27 abr. 2020.

Como a pandemia do coronavírus afeta os direitos das crianças e adolescentes. **Rede Peteca-Chega de trabalho infantil**, 2020. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/especiais/trabalho-infantil-sp/reportagens/como-a-quarentena-do-coronavirus-afeta-os-direitos-das-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 06 mai. 2020.

TELES, J. C. M. Casos confirmados de coronavírus entre indígenas chegam a 23. **Jornal de Brasília**, 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/casos-confirmados-de-coronavirus-entre-indigenas-chegam-a-23/>. Acesso em: 02 mai. 2020.